



MOSTRA
OLHAR:
UM ATO DE RESISTÊNCIA

www.forumdoc.org.br

***Araucanos de Ruca Choroy* (Jorge Prelorán. Argentina, 1971)**

Por Thays Salva

É importante ver *Araucanos de Ruca Choroy* como mais que um média-metragem documental de caráter etnográfico sobre uma comunidade mapuche localizada numa reserva indígena no vale do rio Ruca Choroy, ao sul dos Andes, na Argentina – mais precisamente no Departamento de Aluminé (Província de Neuquén, Região Patagônica), próximo da fronteira do país com o Chile –, local onde se encontravam cerca de 700 pessoas dessa etnia na época da realização do filme por Jorge Prelorán (Buenos Aires, Argentina, 28/05/1933 – Culver, Estados Unidos, 28/03/2009). Um exercício de observação mais atento por parte do espectador é capaz de despertar sua percepção para o profundo sentido pedagógico presente não apenas na apresentação que se pretende fazer sobre a cultura mapuche ao público *winka* (“branco”, no idioma mapuche), como também no modo como o cineasta procura fazer tal apresentação. Dito em outras palavras, pode-se entender o filme como mais que a atitude de um indivíduo no sentido de conhecer e apresentar um “outro” a seus pares: trata-se de um exemplo de como o meio cinematográfico pode servir como intermédio para que essa experiência seja permeada com devido respeito.

O documentário começa com belas imagens da paisagem local, o estreito vale do rio Ruca Choroy, marcado pelas florestas de araucárias e das montanhas nevadas da Cordilheira. É possível identificar de imediato nessas imagens um olhar externo, que não esconde sua condição de estrangeiro: são em sua maioria planos panorâmicos e aéreos, que denotam a distância entre o observador que (tal qual um viajante) se aproxima do espaço. Impossível é não se encantar com a beleza natural do lugar, o que evidencia também admiração por parte do autor dos registros visuais. A sequência logo é entremeada por primeiros planos do rio que nomeia a região, e uma voz *off* surge para iniciar a narrativa. Diferentemente da origem da imagem, no entanto, o narrador não é externo àquela

realidade: não se trata da voz do cineasta, de algum antropólogo ou qualquer outro tipo de especialista de fora, mas sim de Damacio Caitruz, o próprio cacique da comunidade a ser apresentada pelo filme. Entre os primeiros planos do rio e imagens de fotografias antigas, Caitruz começa a contar ao espectador sobre a história da comunidade, que se mistura à sua própria história.

O senhor de quase 60 anos na época das filmagens (1966) conta sobre o processo de resistência mapuche contra a dominação dos espanhóis, do qual participou seu avô cacique, conta ainda sobre a formação do assentamento de Ruca Choroy, onde se instalaram e estão enterrados seus pais, sobre ter nascido ali e por isso pertencer àquela terra – tal qual o significado do termo *mapuche*, que quer dizer “gente da terra”. Destaca-se neste momento uma fotografia sua de quando mais jovem, a postura firme e altiva, não isenta de simpatia e em nada arrogante, que se combina à sua autoafirmação: “Soy índio. Y soy un mapuche. Nosotros somos mapuche.” Os primeiros planos do rio em meio aos depoimentos iniciais combinam esse elemento natural, tão essencial para a comunidade em questão, à figura de Caitruz, como se fosse sua própria memória.

O média-metragem segue apresentando o cotidiano da comunidade mapuche, no que uma câmera curiosa perscruta com primeiros planos em diversos ângulos os costumes locais: a produção das belas tapeçarias tradicionais pelas mulheres, desde a fabricação do fio até a tecelagem; os cuidados com os animais; a procissão de um enterro e todo seu ritual; a construção das casas; a coleta do pinhão das araucárias e o processo de produção da sua farinha; a coleta de lenha nos preparativos para enfrentar o rude inverno que se aproxima, entre outros detalhes. Panorâmicas da paisagem entremeiam esses enquadramentos aproximados sobre rostos e mãos de artesãos e camponeses durante seu trabalho, ou sobre detalhes da produção, enquanto os depoimentos pessoais de Caitruz permitem ao espectador ter a percepção não apenas do que se tratam esses processos, mas de seu significado íntimo para os mapuche, do que lhes importa, seus valores e preocupações: o trabalho, a família, a terra, a relação de integração com a natureza, as inevitáveis situações de precariedade. Torna-se evidente o quanto a suposta oposição conceitual entre natureza e cultura que ocupa o senso-comum de nossa percepção é questionável.

Vale comentar que a composição entre a imagem captada por um olhar de fora cuidadoso, que se aproxima com admiração, e o depoimento oferecido por um narrador de dentro faz do documentário um registro intimista e humano, que é reconhecido como estilo

peçoal de Jorge Prelorán e inserido no contexto do que se costuma denominar etnobiografia. Ex-estudante de arquitetura, Prelorán estudou cinema na Califórnia (Estados Unidos) e, após realizar trabalhos sobre os *gauchos* argentinos para a Tinker Foundation, em Nova York, trabalhou durante quase toda a década de 1960 na Universidad Nacional de Tucumán. Ali, sob apoio do folclorista Dr. Augusto Raúl Cortázar e suporte do Fondo Nacional de Cultura, começou a realizar pequenos documentários sobre as zonas rurais de seu país, que, conforme explica em algumas entrevistas, já o haviam fascinado nas suas experiências anteriores com os *gauchos* – fascinação que marca suas imagens em toda a sua produção.

Durante seu período de atuação em Tucumán, Prelorán produziu muitos curtas-metragens de caráter pedagógico destinados ao público jovem secundarista, o que colaborou para o desenvolvimento de seu estilo cinematográfico e o conduziu ao projeto *Relevamiento cinematográfico de expresiones folklóricas argentinas*, do qual *Araucanos de Ruca Choroy* faz parte. Sua abordagem cinematográfica, no entanto, nunca se pretendeu antropológica num sentido de rigor científico, sendo que seu recurso particular de composição entre imagem e som resultou de uma questão em parte técnica: filmando com uma câmera Bolex, que não lhe permitia tomadas superiores a 20s e dificultava o registro do som concomitante à imagem, Prelorán começou a trabalhar de forma consciente com a manipulação intensa de diversos planos curtos e a sobreposição dos depoimentos de seus interlocutores, bem como de suas músicas, cantos, ou mesmo o som ambiente, captados *a posteriori*.

Neste sentido, é necessário perceber os relatos de Caitruz, por exemplo, não como explicações sobre imagens específicas (senão pelo contexto da montagem do filme), mas sim como impressões íntimas sobre costumes e situações vivenciados diariamente em sua comunidade, o que possibilita a manifestação de seus anseios, atribuindo um caráter poético ao média-metragem. Tal composição entre imagem e som, como o próprio Prelorán chegou a reconhecer, promove uma percepção muito mais complexa sobre a produção. *Araucanos de Ruca Choroy*, portanto, é um documentário que pressupõe um olhar não científico, conforme recomendava seu realizador, mas mais sensível – ou mesmo, pode-se dizer, afetivo.